

Etnia

Educação também é programa de índio

Há dois anos, MOVA/Acre alfabetiza jovens e adultos de comunidades indígenas em tupi-guarani, preservando a cultura dos povos ribeirinhos e dando um exemplo de respeito às diferenças

Eles vivem longe das grandes cidades, espalhados pela margem do Rio Purus, que corta todo o estado do Acre. Vivem da caça, da pesca e do plantio do arroz, feijão e macaxeira. Eles mantêm os costumes e a religião de seus ancestrais, mas não conseguiram se isolar do contato com o homem branco.

Hoje, os índios das duas maiores tribos do estado, Apurinã e Kashinauá, aprendem a ler e a escrever na língua que seus pais lhe ensinaram.

Interesses

Eles têm acesso a livros didáticos que retratam sua cultura e se organizam em associações de moradores, para discutir a defesa dos interesses indígenas. “A valorização das tradições faz com que a cultura indígena não desapareça quando um índio passa a conviver com o homem branco”, afirma Manuel Lima,

coordenador Estadual do MOVA/Acre.

As aulas do MOVA preparam o aluno para que ele possa dar seguimento aos estudos nas Escolas Indígenas, de ensino básico e fundamental.

A grade curricular é baseada na cultura e necessidades específicas das tribos, e as aulas continuam sendo dadas em tupi-guarani, língua nativa dos indígenas brasileiros. A partir do segundo ano do ciclo básico, os educadores começam a ensinar noções de língua portuguesa.

“O português é inserido em doses homeopáticas, para que não agrida o modo de vida dos índios”, explica o coordenador.

Crescimento

O MOVA/Acre iniciou o programa de alfabetização de índios no ano de 2000, e atendia 280 alunos. Agora, cerca de 500 pessoas participam das aulas e a

William Glauber



Equipe de educadores do Mova Acre

maioria dá continuidade aos estudos. As associações de moradores têm papel fundamental na articulação do movimento. “São os caciques que levantam a demanda nas tribos, nos apontan-

do a necessidade de abertura de novas turmas.

As associações também fazem o pagamento dos educadores, com verbas repassadas pelo governo do estado”, explica.

Educadores são membros da tribo e falam os dois idiomas

Os 20 educadores do MOVA que dão aulas em comunidades indígenas também fazem parte delas. A maioria deles teve experiências no ensino tradicional, nas escolas da capital, mas não perderam de vista os seus costumes originais.

Todos eles fizeram o magistério indígena - que corresponde ao segundo grau - para poder lecionar e falam o tupi-guarani e o português. “Dos alunos, menos de 30% compreendem o português. Geralmente, numa tribo, só o presidente da associação de moradores tem o domínio da língua dos brancos”, afirma Manuel Lima

As salas do MOVA foram

instaladas em espaços alternativos, dentro das aldeias, para que um maior número de alunos fosse atendido. Já as Escolas Indígenas se localizam em pontos distantes uns dos outros, e os alunos chegam até lá de canoa. “Eles preferem ir de canoa, porque não gostam do barco à motor. Também não pescam com anzol, só com lança bem afiada. E todos esses detalhes devem ser respeitados”, conta o coordenador.

O MOVA/Acre atende os setores agrícola, extrativista e urbano, além do indígena, e disponibiliza programas específicos para cada um deles.

JORNAL MOVA Regional

Ano 1 - Nº 2
Setembro 2002

Movimento de Alfabetização ABC

Santo André - São Bernardo - Diadema - Mauá - Ribeirão Pires - Rio Grande da Serra

É possível alfabetizar o Brasil



O 2º Encontro Nacional de MOVAs provou que o nosso movimento é uma das grandes ferramentas de combate ao analfabetismo e à exclusão. Experiências fantásticas foram mostradas e vivenciadas durante o Encontro. Leia neste jornal, a cobertura do evento e as experiências e realidades do MOVA em vários locais. Confirme que é possível alfabetizar o Brasil.

O folclore na alfabetização.

Pág. 3

A inclusão de deficientes visuais.

Pág. 4

Do hospital para a escola.

Pág. 5

Educação de mulheres, negros e índios.

Págs. 6, 7 e 8

Fale com o MOVA na sua cidade

Santo André	Ana Maria ou Nívea	4433-0294 - 4433-0608 (fax)
São Bernardo	Marcia Rita	4332-8088 - 4122-5349 (fax)
Diadema	Marcia Santos	4057-1135 - 4057-7704 (fax)
Mauá	Edna Nicodemos	4555-7666 - 4555-8206 (fax)
Ribeirão Pires	Yolanda ou Silvana	4823-2672 - 4828-4314 (fax)
Rio G. da Serra	Valéria ou Alexandra	4820-1907-4820-1000 (fax) - R. 215
Asses. Regional	Luiz Soares	4128-4200 - Ramal 4203



EDITORIAL

Reafirmação

O MOVA Regional ABC teve a grata satisfação de sediar o 2º Encontro Nacional de MOVAs., nos dias 5 a 7 de julho, passado.



Contamos com a participação massiva de representantes de MOVA de diversas cidades do país, além da participação expressiva das educadoras e educadores, educandas e educandos do MOVA Regional ABC. Tivemos também a participação de entidades e parceiros da Região do Grande ABC.

Foi um momento de extrema importância, de reflexão, de troca de experiências, e como o próprio tema do encontro expressou, foi um momento de Reafirmação da Educação Libertadora, tão desejada, sonhada e praticada por Paulo Freire.

As temáticas abordadas, Gênero, Deficiência, Etnia e Parceria reforçadas pelas atividades culturais, trouxeram à tona as problemáticas enfrentadas no dia-a-dia nas salas de aula e que envolvem toda a ação dos MOVAs.

Além das temáticas específicas, a reflexão provocada pela palestra geral sobre a alfabetização de jovens e adultos no Brasil, contribuiu efetivamente para a pauta do 3º Encontro Nacional de MOVAs. a ser realizado em Goiânia no ano que vem, que terá como tema central: O MOVA Enquanto Política Pública de Jovens e Adultos.

Queremos também ressaltar a importância desse evento, na reafirmação do MOVA Regional ABC, que já está num processo de reflexão sobre Política de Educação de Jovens e Adultos. Com essa reflexão, além de dar um salto de qualidade no que já vem realizando poderá contribuir com os demais MOVAs. do país e com o 3º Encontro Nacional de MOVAs.

Luiz Marinho

Coordenador do MOVA Regional ABC - Presidente Licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

2º Encontro Nacional de MOVAs

Mais de 700 educadores de diferentes regiões do Brasil participaram do Encontro, sediado pelas cidades de Diadema e Santo André, entre os dias 5 e 7 de julho. Trazendo na bagagem as experiências vividas em salas de aula de norte a sul do País, o evento discutiu propostas de como lidar com a etnia, a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, e a discriminação de deficientes. O tema "parcerias" também foi debatido, com a apresentação dos resultados positivos alcançados pelos MOVAs da região.

Mauro Pedrosa/Prefeitura de Diadema



O Centro Cultural Okinawa foi o local escolhido para a abertura do 2º Encontro Nacional de MOVAs

No dia 5 de julho, o Centro Cultural Okinawa, em Diadema, ficou pequeno para tanta gente. A abertura do 2º Encontro Nacional de MOVAs contou com a participação de representantes de todos os setores que tornam possíveis a alfabetização de jovens e adultos e a inclusão social.

Luiz Marinho, presidente licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e coordenador regional do MOVA/ABC, apontou a necessidade de transformar o movimento numa política pública, de responsabilidade dos governos estadual e federal, para que os resultados possam ser compartilhados por um número maior de pessoas.

"MOVA pode se tornar exemplo de alfabetização para América"

O representante da Unesco, Célso Cunha, que esteve presente na cerimônia de abertura do encontro, destacou o pacto suprapartidário em prol da educação como um dos maiores acertos do movimento.

"A experiência de realizar

parcerias com o empresariado pode servir de exemplo para o mundo inteiro. O MOVA tem potencial para se tornar uma referência em alfabetização para toda América Latina", acredita.

Para ele, que acompanha os programas de alfabetização de

parcerias com o empresariado

parcerias com o empresariado

parcerias com o empresariado

tou a importância das parcerias e a mudança de comportamento do empresariado, que cada vez mais assume a responsabilidade de transformar a realidade social do país.

O presidente da Ford do Brasil, Antonio Maciel, reafirmou o compromisso com o MOVA e incentivou a participação de outros representantes do setor produtivo, como meio de fortalecer os laços entre comunidade, poder público e privado.

jovens e adultos por todo o País a realização de encontros como este é o que promove a renovação do movimento, graças à troca de idéias e à definição de novas metas de ação. "O MOVA mostra que é possível alfabetizar o Brasil."

Dona Mova conquista alunos e educadores

De maneira direta e bem humorada, a peça "Dona MOVA" conta a história de Severina, imigrante nordestina que sofre com a opressão do marido e tenta driblar as dificuldades para voltar a estudar. O espetáculo, escrito e encenado por educadores do MOVA/Mauá, apresenta um retrato fiel da situação de mulheres em todo o Brasil, que lutam contra o preconceito e provam que têm capacidade para ir muito além do "lavar, passar, cozinhar e cuidar dos filhos".

A idéia da peça surgiu durante os mutirões de cadastramento do MOVA, quando as educadoras encontravam a resistência de algumas mulheres em voltar a estudar. O motivo apresentado por elas era sempre o mesmo: o marido não concordava que deixassem os afazeres domésticos para frequentar as aulas.

Para conquistar os futuros alunos e alunas, o MOVA/Mauá criou o espetáculo e passou a apresentá-lo nos locais onde a demanda pela alfabetização era grande. Um ano e meio depois, "Dona MOVA" já se tornava um cartão de visitas do movimento.

Vida real

A identificação do público com os personagens é imediata. "Existe um pedaço da Severina em cada aluna minha. O medo de não aprender, o ciúmes do marido, todas elas têm histórias parecidas pra contar", afirma Ideni Maria da Silva, a Severina do "Dona Mova" e umas das criadoras do espetáculo.

A peça estimula muitas mulheres a aproveitarem a chance de estudar e outras a não abandonar as aulas. "Montamos a peça para tocar as pessoas de um jeito diferente, mais divertido. Muita gente se emociona, dizendo que já passou por aquelas situações", conta.

Etnia

Diferenças e crenças no MOVA

O debate sobre as diferenças raciais e religiosas é fundamental para que se possa criar uma realidade sem a intolerância e o preconceito



A compreensão de conviver com as diferenças raciais sem qualquer discriminação começa na sala de aula

A sala de aula é o lugar ideal para que o preconceito contra as diferenças étnicas e religiosas comece a desaparecer. É nela que se pode encontrar pessoas de todas as raças e credos: de negros e brancos a descendentes indígenas, de católicos e protestantes a praticantes do candomblé.

A falta de conhecimento sobre culturas distintas faz com que as diferenças, em vez de despertarem curiosidade, provoquem a intolerância. "O educador precisa trabalhar no sentido de eliminar o aspecto preconceituoso que acompanha toda a cultura que não seja a do homem branco, ocidental", explica Edmar Silva, sociólogo e assessor da Coordenadoria Especial para Assuntos da População Negra (Cone) da Prefeitura de São Paulo.

Ele cita o exemplo da exclusão social dos negros no Brasil, que há quase 500 anos são estereotipados e excluídos das oportunidades de estudo e trabalho digno. "O negro é sinônimo de preguiça, malandragem, alcoolismo, indolência. A diferença cultural e física foi trans-

formada em incapacidade e feiura", analisa.

O resgate e o fortalecimento das raízes culturais dos alunos é uma arma eficaz contra o preconceito e a subserviência. Por isso, é importante que o educador mostre ao aluno o histórico de resistência de seus antepassados e o quanto lutaram para que tivessem suas diferenças respeitadas. "Fala-se muito da escravidão, como se ela fosse natural e uma consequência óbvia da história. Não se fala dos quilombos. Isso

"Os educandos devem deixar de ser telespectadores passivos"

Os educadores devem estimular a visão crítica dos alunos para que percebam como a comunidade carente e negra é retratada pelos meios de comunicação (veja tabela da página ao lado).

Na maioria das vezes, a televisão contribui para o aumento do preconceito, já que não promove uma reflexão sobre as desigualdades.

"Os árabes são sinônimos de

gera a descostrução do referencial político e ideológico da luta dos negros", conta Silva.

Muitos alunos do MOVA são de origem nordestina e negra e já vêm de um amplo histórico de discriminação. Daí a importância do debate sobre as diferenças, para que a auto-estima seja recuperada. "Temos que acabar com as referências carregadas de humilhação. 'Baiano' e 'Preto' viraram adjetivos usados no sentido pejorativo. Temos que romper esse círculo vicioso", conclui Silva.

terrorismo, o negro, de banditismo, já que a maioria vive em favelas. Muitos programas de TV incentivam o combate ao candomblé, religião de origem africana, com o argumento de que a religião seria uma 'seita demoníaca'. Devemos contribuir para que os alunos deixem de ser telespectadores passivos", afirma Silva.

A luta das mulheres pelo estudo

A desigualdade de direitos e a visão tradicionalmente machista de grande parcela da sociedade afastam muitas mulheres da escola, tornando urgente a revisão de conceitos e posturas

Não basta a vontade de aprender. Para conseguir frequentar as aulas do MOVA, muitas mulheres precisam enfrentar outra batalha antes de entrar na sala de aula. A resistência do marido, a necessidade de conciliar os cuidados com a família e o trabalho fora de casa fazem com que elas desistam de estudar e aceitem como natural o fato de não terem acesso a um direito básico: a alfabetização.

Durante o 2º Encontro, educadores de todo o País discutiram sobre como quebrar o ciclo de subordinação da mulher e maneiras de não afastá-las da sala de aula. “Uma das formas para acabar com a exclusão é reconhecer que as diferenças entre o homem e a mulher foram transformadas em desigualdade de direitos”, explica a assistente social e educadora Matilde Ribeiro, que também faz parte do Centro de Estudos sobre Trabalho e Desigualdades, de São Paulo.

Levar a questão para ser discutida pelos alunos é o primeiro passo para se promover mudanças no comportamento de



Maria Clarice de Jesus é aluna do MOVA/Santo André e enfrenta uma jornada tripla para poder estudar. Depois de um dia inteiro de trabalho, ela ainda cuida da casa e participa das aulas à noite. Na maioria das vezes, acompanhada do filho mais novo, que não pode ficar sozinho em casa

educandos e educandas. A responsabilidade de criar os filhos e cuidar da casa, por exemplo, é tida como exclusivamente da mulher, o que a deixa confinada à condição de dona-de-casa. Abordado e repensado em aula, o papel da mulher na sociedade pode ser transformado e a divisão cultural das atividades - como “isso é coisa de homem” ou “isso é coisa de

mulher” - que sempre prejudicou as mulheres, pode ser abolida.

“É importante trabalhar as posturas dos alunos e também a dos próprios educadores. Devemos lidar com os nossos preconceitos e relações discriminatórias e transformar tudo isso num pacto de construção de novas referências que não se baseie no que é tradicional”, explica Matilde.

Segundo a assistente social, os educadores devem também criar condições que facilitem a participação das mulheres no MOVA. Entre elas, está a mudança de horário das aulas, porque muitas não comparecem às atividades noturnas por motivos que vão desde a falta de segurança até ciúmes do marido, que em alguns casos termina em violência.

Abordagens sobre gênero e etnia em sala de aula

- ✓ Apresentação de vídeos promovidos por entidades e Ongs que tragam o debate sobre a desigualdade
- ✓ Fazer uma leitura crítica de jornais e revistas em sala de aula, fazendo com que o aluno perceba como mulheres e negros são retratados pela mídia
- ✓ Resgatar a história de luta e resistência de grupos discriminados e estimular o debate sobre as possíveis soluções para o problema
- ✓ Fazer dramatizações envolvendo os alunos sobre as novas formas de relações, que sejam mais humanas e não carreguem o preconceito tradicional

Material didático tradicional reforça a desigualdade entre os sexos

Além de promover debates em sala e de desenvolver outras atividades (ver tabela ao lado), os educadores devem estar atentos ao material pedagógico que utilizam.

Grande parte dos livros e cartilhas reforça a suposta inferioridade feminina, e a figura da mulher é caricaturada. “Nos livros, os meninos são sempre mais corajosos do que as meninas. As mulheres sempre aparecem com uma vassoura na mão. E as negras sempre com um lenço a cabeça,

como cozinheiras. Tudo isso fortalece os papéis institucionalizados na sociedade”, afirma a educadora Matilde.

A criatividade dos educadores continua sendo uma arma eficaz para que os alunos percebam a importância do tema e o quanto ele interfere em suas decisões.

“A peça Dona Mova, apresentada no encontro, é um exemplo de como abordar com sucesso um assunto tão delicado como o da discriminação das mulheres”, conclui Matilde.

Tema musical do MOVA vem de Belém do Pará, cidade cheia de ritmos

Vamos ler o mundo/ Escrever o mundo/ Vamos fazer a nossa história acontecer. Este é o refrão da música tema do MOVA, lançada pelo arte-educador de Belém, Almino Henrique do Carmo, durante o encontro. “Sou músico e compositor. Quis compor uma música que revelasse a luta e o amor que os educandos e educadores têm pelo MOVA”, explica.

Os ritmos, as manifestações populares e a diversidade étnica e cultural de Belém são os temas mais abordados em sala de aula, por fazerem parte do dia-a-dia dos alunos. “O folclore e a cultura da nossa região são fundamentais para articular o saber popular com o saber sistematizado”, diz Almino.

Segundo ele, é comum entrar na classe e surpreender os alunos cantando e dançando, antes, durante e depois das aulas. O boi-bumbá, carimbó e até mesmo o samba, tradições que são a mistura da cultura indígena e africana, estão presentes em sala tanto quanto o alfabeto e as operações matemáticas.



Bumba meu boi, folclore do Norte do País, integra processo de alfabetização

De barco, de canoa ou a pé: alunos de Belém se esforçam para aprender

O MOVA/Belém possui 350 turmas, 12 em ilhas que cercam a capital do Pará. Os alunos que vivem nas ilhas onde a demanda não foi suficiente para a abertura de uma sala não deixam de estudar: eles se locomovem por barcos ou canoas até chegar à ilha mais próxima.

Como em todos os outros MOVAs, o de Belém procura formar cidadãos conscientes e críti-

cos a respeito da realidade que vivem.

“Falamos da queda na venda de peixe por causa da pesca de arrastão. Discutimos a substituição das plantações de açaí pela de palmito, o que causa o desemprego de quem vive da extração da fruta”, conta Adelaide Parente, coordenadora do MOVA/Belém.

PARA REFLETIR

*Assunte bem companheiros
Vamos todos repensar
Como fazer educação
Uma educação popular
Onde todos participem
Prá poderem opinar
Só assim poderemos
Alguma coisa transformar
Prá você ser professor
É preciso acreditar
Que educação se constrói
Com a cultura do lugar
E se você acreditar
Que nada é pronto e acabado
Com certeza vai criticar
Como foi escolarizado
Se tentamos refletir
Levar em consideração
O que os alunos conhecem
Já é uma concepção
E prá fazer planejamento
É preciso discutir
Quais são os objetivos
O que queremos atingir*

*Mas não adianta insistir
Sem primeiro consultar
Quem são nossos alunos
E seu perfil levantar
Depois de conhecê-los
Poderemos começar
Fazer a caracterização
E assim nos nortear
Levando em consideração
Suas histórias de vida
Poderemos construir
Uma escola mais dirigida
Todos já tem uma vivência
Que não pode ser esquecida
Não podemos perder o eixo
A realidade de vida
Só agora pensaremos
Num projeto escolar
Onde todos componentes
Passem a participar
Nossa comunidade
O conselho popular
País, alunos, professores
E dirigente escolar*

*Prá fazer planejamento
Só é preciso perguntar
O que? Pra que? E como?
E depois avaliar
Não tenha pressa companheiros
Só é preciso acreditar
Que democracia se faz
Com as pessoas do lugar
E quando nossos alunos
Começarem a criticar
A realidade vivida
E um movimento criar
Só assim essa sociedade
Poderemos transformar
E o grito dos excluídos
Ninguém jamais ouvirá
Com essa transformação
Iremos nos orgulhar
Em sermos participantes
De uma Educação Popular*

Márcia M^a Rodrigues
(Educadora do MOVA - Diadema)

Parcerias não descaracterizam o MOVA, diz Pontual

De acordo com Pedro Pontual, secretário de Participação e Cidadania de Santo André, não se pode impor limites para a ampliação do movimento de alfabetização. “O MOVA traz uma novidade histórica, que é a parceria entre movimento popular e iniciativa privada. Temos que romper com o conceito conservador”, afirma.

A parceria, segundo Pontual, não tem sentido filantrópico, e o Estado deve se responsabilizar pela alfabetização, como provedor de recursos. “Não se deve transferir a responsabilidade do estado para o setor privado. O estado tem a obrigação de cuidar da educação de seus cidadãos. Mas todos os setores da sociedade devem se mobilizar em prol desse objetivo.”

O movimento de alfabetização, sozinho, não é suficiente para que os problemas educacionais do país sejam resolvidos. É preciso atuar no âmbito econômico e político, para que a educação possa ser viabilizada. “Não podemos correr o risco de passar mais 10 anos sem superar o analfabetismo”, conclui Pontual.

3º Encontro Nacional já tem local e temática

A cidade de Goiânia foi a escolhida para sediar o 3º Encontro Nacional de MOVAs, que será realizado em agosto de 2003. Durante o 2º encontro, ficou decidido ainda que o tema central do evento será *Os MOVAs enquanto política pública de educação de jovens e adultos*.

A relação entre o movimento e poder público, a formação dos educadores e a ampliação do MOVA e suas implicações no controle social serão algumas das questões que nortearão o próximo encontro. Além do MOVA/Goiania, participarão da organização representantes do Rio Grande do Sul, Regional ABC, Acre, Alagoas e Rede de Apoio à Ação de Alfabetização do Brasil.

Deficiência

No Rio Grande do Sul, uma nova maneira de enxergar o mundo

Mova/Braille promove a inclusão dos deficientes visuais no ensino regular e mostra à comunidade como lidar com as diferenças

Os portadores de deficiência visual do Rio Grande do Sul estão começando a invadir as ruas e escolas do estado. Antes, afastados do convívio social e impossibilitados de levar uma rotina comum e independente, os cegos agora têm a chance de estudar e desempenhar atividades que eram sinônimo de dificuldade e constrangimento.

De uma parceria entre associações de cegos, o MOVA/RS e o MOVA/Porto Alegre surgiu o MOVA/Braille, que além de ensinar às pessoas com deficiência um novo sistema de escrita e leitura, também orienta a comunidade sobre como lidar com as diferenças.

Responsabilidade

De acordo com Marilena Assis, professora na área de deficiência visual e especialista na educação de jovens e adultos, o poder público deve se responsabilizar por todos os cidadãos, inclusive os deficientes. “Cada

município deve estar preparado para conviver com o deficiente”, explica.

Depois de alfabetizado em braile, o deficiente visual pode dar continuidade aos estudos em qualquer escola. Não existem mais salas nem escolas especiais para este tipo de deficiência e os

professores da rede pública participam de programas permanentes de capacitação, como parte do processo de inclusão do aluno. “Um cego estuda ao lado de uma pessoa que não tem deficiência. Devemos estimular a compreensão das diferenças”, diz Marilena.

Os deficientes visuais recebem todo o material em braile ou gravado em fitas cassete. Os professores recebem orientação para desenvolver uma linguagem que permita aos cegos compreender as aulas, sem economizar palavras nas descrições e explicações.

MOVA/Braille ensina o portador de deficiência, familiares e comunidade

O MOVA/Braille fez da alfabetização ampliada o caminho para sensibilizar a população sobre as diferenças e limitações. As aulas não são frequentadas apenas por deficientes, mas por seus familiares e por profissionais que tratam com cegos no seu dia-a-dia, e não sabem como agir. É o caso dos motoristas e cobradores de ônibus, dos trabalhadores da limpeza urbana, e de escolas e postos de saúde.

Além de viabilizado o convívio em sociedade, o deficiente visual ganha também mais chances de

ingressar no mercado de trabalho. Todos os professores do MOVA/Braille e os agentes comunitários que fazem o mapeamento nas comunidades são cegos.

“São eles quem tiram os deficientes de dentro de casa e os incentivam a superar seus limites. Eles provam que todos são capazes”, afirma Marilena Assis.

Atualmente, o MOVA/Braille conta com cinco salas em municípios diferentes, espalhados pelo interior do estado, além de outras duas instaladas em Porto Alegre.



Mova permitiu o convívio social aos portadores de deficiência visual



Sensibilização da sociedade é importante para a inclusão de deficientes

Quando o hospital abre as portas para a escola

No Rio de Janeiro, internos com transtornos mentais graves são alfabetizados e dão os primeiros passos na busca pela autonomia

A alfabetização não só resgata a dignidade dos educandos, como também faz bem à saúde. No Rio de Janeiro, as aulas do MOVA realizadas em hospitais psiquiátricos dão novo ânimo ao tratamento dos pacientes, que apresentam distúrbios mentais.

“As aulas são responsáveis por progressos consideráveis no quadro clínico dos pacientes. Resgatamos a cidadania dessas pessoas. Elas estavam num processo de total esquecimento”, explica o educador Reinaldo Sant’ana, um dos idealizadores do MOVA destinado aos internos de centros de tratamento psiquiátrico.

O projeto, pioneiro e único no Brasil, existe desde 99 e já chegou a atender 600 pessoas, em seis hospitais psiquiátricos. Hoje, pela escassez de recursos, são 120 alunos. A primeira turma a iniciar os trabalhos foi a da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, uma referência na alfabetização para a saúde.

Os educandos têm aulas três vezes por semana, durante três horas por dia. Eles são por-

tadores de deficiência mental de tipos e graus diferentes, mas todos os casos são de transtornos considerados graves.

Em comum, os alunos têm a idade - em Juliano Moreira todos já passaram dos 50 anos - e as décadas de internação que carregam. “Em Jacarepaguá atendemos pacientes que estão internados há mais de 35 anos, sem que nada tivesse sido feito por eles, no sentido de resgatar sua auto-estima e a autonomia”, conta Sant’ana.

Os alunos dividem o tempo entre as aulas tradicionais, com lápis e caderno na mão, e o aprendizado lúdico, com atividades culturais e físicas.

A equipe de profissionais é formada por uma musicoterapeuta, que faz um resgate das histórias dos pacientes através da música, e uma fonoaudióloga, que trabalha a recomposição psicomotora.

Um psiquiatra, uma psicopedagoga, uma psicóloga e dois professores de educação física também acompanham todas as turmas, voluntariamente.

Esportes e atividades culturais transformam a rotina dos alunos

O próximo objetivo do MOVA é criar condições para que os internos possam viver em lares assistidos, casas construídas nas dependências do hospital, para que consigam recuperar a autonomia. Nos finais de semana, os pacientes já frequentam o clube da instituição, onde são re-

alizadas atividades como futebol e vôlei, desenho, pintura, canto e dança, das quais a comunidade local e funcionários também participam.

De acordo com Sant’ana, o preconceito é o maior obstáculo a ser vencido quando se trata da alfabetização e inclusão social de



Maria Olga Barbosa, que é paciente do Juliano Moreira há 40 anos, recebe diploma do MOVA

deficientes mentais. “A discriminação vem de todos os lados, mas não desistimos de trabalhar para ressocializá-los. Os pacientes com esse tipo de deficiência não recebem alta, mas dão um salto em termos de qualidade de vida.”

A experiência adquirida pelo grupo no ensino de pessoas com

dificuldades de aprendizado fez com que começassem a preparar um material de orientação específico para a alfabetização de idosos. “Não só a deficiência mental, mas também os males da terceira idade, podem inibir a tentativa do aprendizado”, explica Sant’ana